

Letrário**editora*

A carne é fraca (João da capa II)

Me Morte

Março de 2009



A cidade de Porteirinha nunca mais foi a mesma, desde aquele dia fatídico em que o fazendeiro João teve um enfarto fulminante após tentar se levantar do túmulo de Esmeralda, sua esposa. Esmeralda falecera e fora enterrada sem seu anel de estimação, fato esse que ocasionou a volta de seu espírito sob a forma de alma penada, para atormentar João e fazer com que este devolvesse seu objeto adorado.

João havia levado o anel e, antes de sair do cemitério, seguindo o conselho de um amigo, rezou uma ave-maria. Quando tentou se levantar, enroscou seus pés na capa comprida, apetrecho que só tirava mesmo para dormir e, pensando ser Esmeralda a puxá-lo para dentro da cova, não resistiu e faleceu ali mesmo.

Foi encontrado sem a famosa capa e, por isso, a cidade perdeu o sossego. Todos tinham medo de encontrar João pelas ruas reclamando sua capa.

Na verdade, fora o coveiro, que há muito a cobiçava e que, aproveitando-se da situação em que se encontrava o indefeso defunto, a roubara. Mas nunca a conseguiu usar; o medo foi maior. Por isso, a jogou num baú no porão e não mais se atreveu a pegá-la. Seu pavor era tanto que um dia decidiu livrar-se dela.

Na prefeitura municipal, tudo transcorria normalmente naquela segunda-feira, quando uma encomenda vinda pelo correio causou tumulto entre todos os que ali trabalhavam. Um bilhete colado na caixa anunciava:

“PARA A AUTORIDADE MAIOR DE PORTEIRINHA. DEVOLVO A CAPA DE JOÃO. QUE SE FAÇA JUSTIÇA E QUE O SOSSEGO VOLTE A REINAR.”

- Que enrascada! Esta agora! O Prefeito estava atônito.
- Desculpe, Vossa Excelência, acho melhor decretar feriado até se resolver a situação. Imagine que João aparece por aqui. Vai ser uma catástrofe!
- Não diga besteira, Manuel. Vou designar um funcionário para devolver a capa ao dono, logo mais à noite.

Ouvindo tal notícia, um a um, todos saíram em debandada.

- Bando de covardes! Será que eu mesmo terei de fazer o serviço?

Saindo de debaixo da mesa, seu assessor Ludovico respondeu:

- Se o senhor pretende chegar até à Presidência da República, é melhor não arriscar. O último que foi devolver um objeto no cemitério morreu de enfarto, lembra-se?
- Você está certo. Não convém arriscar.
- Tem uma pessoa que pode fazer isso de olhos fechados. Aliás, é obrigação dele mesmo cuidar do bem-estar das almas.
- Claro! O padre...O mensageiro de Deus. O guardião das almas...

Foram até à paróquia, conversar a respeito do assunto com o vigário.

– Valha-me meu São Benedito! Porquê eu?

– Ora, padre. Então, o senhor não é o pastor das almas desgarradas? Tem por obrigação devolver o sossego a Porteirinha.

– Está certo. Eu devolvo a capa a João. Dê-me aqui.

Combinaram que seria naquela mesma noite e que o padre tocaria os sinos da igreja para deixar claro que tudo correria da melhor forma. Deixaram a capa e voltaram à prefeitura. Enfim, ficariam livres da maldição.

O padre abriu a caixa e se deparou com a famosa capa do fazendeiro. Era muito bonita, o tempo não havia passado para ela. Sentiu uma ponta de inveja. Sempre quisera uma batina naquele estilo. Gabardine; sarja, 100% algodão, 100% lã ou uma mistura de fibras sintéticas, em geral, poliéster... Aquela, em especial, era de gabardine e, por um instante, pensou em correr para o alfaiate.

– Não. Mesmo se tratando de uma alma que não precisa mais de roupas para sobreviver, sempre posso barganhar.

E passou o resto da tarde pensando numa forma de convencer João a lhe dar a famosa capa. Se preciso fosse, ele ofereceria sua batina em troca. Certamente, tem muito mais pano e João poderia aproveitar bem mais.

Fez suas orações, rezou a missa com esmero, foi até à cidade vizinha se confessar, alimentou a criação com exagero... Precisava prevenir, vai que João se ofendesse e decidisse levá-lo daquela para melhor.

Quando anoiteceu, pegou na capa e saiu em direção ao cemitério. Estava há duas horas sentado no túmulo e já pensava em desistir quando ouviu um barulho vindo da lateral.

– Há alguém aí? João, é você? Tenho uma surpresa. Apareça...

Ele viu, a princípio, os olhos brilhantes, depois um vulto se aproximando.

– João? É você?

– Sou eu, padre... Devolva-me a capa.

– Espere um pouco. Precisamos conversar. Eu sei que você gosta muito de sua capa, mas já deve ter se acostumado sem ela. Depois, aí onde mora não sente frio, não é mesmo? Eu gostaria muito de ficar com a capa, daria uma linda batina.

– Ora padre... Esperei tanto por ela. Porque lha daria eu? Vamos, me passe a capa. Nada que me ofereça vale minha mascote.

– Tem certeza, João? Olhe, posso dar-lhe minha batina, com ela pode pedir para Dona Esmeralda fazer duas capas. Assim, quando perder uma, terá a outra. – Dizendo isto, tirou a batina e estendeu-a sobre o túmulo de João. Estava nu por baixo e os olhos do falecido brilharam.

Eram duas da manhã quando os sinos da igreja começaram a tocar. Ninguém havia dormido com a expectativa da libertação da influência do fazendeiro. Aos poucos, a praça central se encheu de gente. Todos queriam cumprimentar o padre.

– Corre até a sacristia. Pede para o senhor vigário vir aqui fora para receber os cumprimentos. – Pediu o Prefeito a Ludovico.

Alguns minutos depois, Ludovico saiu da igreja, branco como se tivesse visto um fantasma.

– O que aconteceu, criatura?

– O padre... – A voz sumiu.

– Fale logo, filho.

– Os sinos... Estão tocando sozinhos.

– E o vigário?

– Sumiu... Olhei em todos os cantos.

– Ora. Deve ter algum dispositivo para os sinos tocarem. Você logo imagina o pior. Santa ignorância!

Saiu em direção ao cemitério. Decidiram procurar o padre. Reviraram tudo e nada.

De manhã, souberam da notícia: haviam encontrado a batina do padre impecavelmente estendida no túmulo de João e a capa sumira junto com o sacerdote.

A partir daquela noite, João não incomodou mais ninguém. Contam as más-línguas que viram o seu fantasma de capa, perseguindo um homem nu pelos becos da cidade, aos risos, mas era só especulação...

Fim



Me Morte, pseudônimo de Mariângela Padilha, gaúcha dos pampas, de família pobre, neta de italianos e espanhóis. Aos cinco anos de idade já dizia que seria escritora.

Poetisa gótica há dois anos, enveredou pelos caminhos do erotismo, estilo que já se tornou sua marca registrada.

No Orkut é moderadora do Vale das Sombras, comunidade onde realiza concursos de poemas góticos periodicamente.

Principais características: arrojada, misteriosa e passional.

Vale das Sombras – <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8910225>

Blog do Vale – www.valedassombrasmemorte.blogspot.com

Portal do Vale – www.valedassombras.ning.com

Instinto – [Http://www.memorteme.blogspot.com](http://www.memorteme.blogspot.com)

Me Morte...Contando Histórias – <http://www.memortemari.blogspot.com>

Psicografando – <http://www.maripsicografando.blogspot.com>

Me Morte...Por Mariângela Padilha – www.memorte.recantodasletras.com.br

Portal do Vale – www.valedassombras.ning.com

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt